

Artistas mulheres: o processo criativo

bell hooks
1995

Sou uma garota que sonha com o ócio, sempre sonhei. O devaneio sempre foi necessário para minha existência. Preciso de longas horas esticada, vestindo sedas, cetins e caxemira, sozinha comigo mesma, acolhida pela beleza à minha volta. Sempre fiquei à vontade com fibras, têxteis, com a sensação de tecidos confortáveis em minha pele. Quando me visto assim, estou pronta para a incrível tarefa de me demorar, passar um tempo ininterrupto com meus pensamentos, sonhos e anseios intensos, muitas vezes do tipo que, como o amor não correspondido, não são satisfeitos. Ultimamente, no meio dessa solidão, me pego escrevendo, as palavras girando juntas na minha cabeça para que eu não perca ou esqueça as revelações, os momentos afiados de clareza surgidos durante esse tempo tranquilo, que vêm à tona em meio aos odores luxuriosos de sabonete importado de verbena ou de um perfume cítrico, um livro em minha mão.

Com muita frequência, acabo interrompendo o devaneio para pegar uma caneta ou papel para escrever. Para mim, escrever nunca é um momento de devaneio: sempre é trabalho. Escrever é minha paixão. Mas não é uma paixão fácil. Não me protege ou conforta. As palavras me testam — me desgastam como se eu fosse pega em um momento de possessão espiritual no qual forças além do meu controle tomam conta de mim e me levam, às vezes contra minha vontade, a lugares, paisagens de pensamentos e ideias, onde nunca quis ir ou que nunca quis ver. Não gosto muito de viajar. Sou do tipo que se encontra no sofá, na varanda

dos fundos, no balanço, para assistir imóvel ao mundo. Meus pensamentos são movimentos, minhas ideias, minhas aventuras. Quando viajo para algum lugar, costuma ser demais para mim. Me sinto bombardeada com um excesso de sensações; sobrecarregada, sucumbo. Então digo à minha amiga mais doce, que às vezes se preocupa com quanto tempo passo reclusa, confinada, em meio à solidão: “Entendo Emily [Dickinson] (1830-1886): ela ficava em casa para organizar seus pensamentos — para trabalhar sem perturbações”.

Penso com frequência e profundamente sobre mulheres e trabalho, sobre o que significa ter o luxo do tempo — tempo para organizar os pensamentos, tempo para trabalhar sem perturbações. Esse tempo é espaço para contemplação e devaneio. Ele aumenta nossa capacidade criativa. Trabalho, para artistas mulheres, nunca é o momento em que escrevemos ou nos dedicamos a outras artes, como pintura, fotografia, colagem ou técnicas mistas. No sentido mais amplo, é o tempo que se passa contemplando e preparando. O espaço solitário às vezes é um lugar onde sonhos e visões entram, às vezes é um lugar onde nada acontece. No entanto, é tão necessário para o trabalho ativo quanto a água é necessária para que algo cresça. Essa imobilidade, essa quietude, necessária para o cultivo contínuo de qualquer devoção a uma prática artística — para o trabalho de alguém —, continua sendo algo que as mulheres (independentemente de raça, classe, nacionalidade etc.) lutam para encontrar na própria vida. Nossa necessidade desse espaço sem interrupções, sem perturbações, com frequência é muito mais ameaçadora para aqueles que nos observam entrando nele do que o momento de produção concreta (para a escritora, quando coloca as palavras no papel; para a pintora, quando pega o material na mão). Ainda temos de criar uma cultura tão completamente transformada pela prática feminista que seria senso comum que o cultivo do brilhantismo ou a criação de um corpo sustentável de trabalho exigem tais horas sem perturbação. Nesse mundo, faria todo o sentido para as mulheres que se dedicam à prática artística reivindicar esse espaço que é de direito delas.

Muito depois que o movimento feminista contemporâneo agitou as questões sobre a grande arte e o gênio feminino, levando as pessoas a repensar a natureza do gênero e a prática artística, a olhar para a arte feita por mulheres com respeito e reconhecimento completo, ainda precisamos enfrentar questões de gênero e trabalho quando se trata de abrir espaço e encontrar tempo para fazer o que nós, artistas mulheres, fazemos. A maior parte das artistas mulheres que conheço se sentem completamente sobrecarregadas. Trabalhamos para ganhar dinheiro (já que todas abandonamos há muito a noção de que teríamos o apoio dos homens para fazer nossa arte — se é que pensamos nisso em algum momento — ou de que patronos reconheceriam as desigualdades históricas e retribuiriam nos concedendo tempo e apoio material), para cuidar de nós mesmas e de nossa família não patriarcal. Passamos um tempo excessivo fazendo o trabalho político (tanto teórico quanto prático) para sustentar as mudanças trazidas pelo movimento feminista que permitem que mais mulheres do que nunca façam trabalhos artísticos. E

passamos muito tempo tentando descobrir como usar nosso tempo com sabedoria. Nos preocupamos em não dar o bastante de nossos cuidados e de nossa pessoa àqueles que amamos. Muitas de nós ainda lutam contra o medo subjacente de que, nos preocupando demais com arte, ficaremos sozinhas, sem companhia. E algumas de nós, que têm um companheiro ou filhos, querem garantir que, quando chegarem em casa, não haja sinais de nosso eu artístico presente. Muitas artistas mulheres deixam seu espaço de trabalho limpo ou não exibem seu trabalho, na tentativa de apagar todos os sinais de sua paixão por algo tão transcendental quanto a arte. Apesar do pensamento e da prática feminista, as mulheres continuam a se sentir divididas quanto a alocação de tempo, energia, compromisso e paixão. Embora importante, em geral não é tranquilizador que algumas de nós consigam incluir tudo na agenda. Por causa disso, agora sabemos que fazer tudo caber na agenda não é garantia de que vamos amadurecer como artistas e pensadoras. Algumas de nós temem que toda essa programação rigidamente controlada também seja opressora e limite nossa imaginação, bloqueando nossos sonhos e visões e fazendo com que entremos em um aprisionamento psíquico diferente. Mesmo sem limitações machistas, racistas ou de classe dizendo que não podemos ser artistas, que não conseguimos criar um trabalho importante e interessante, somos restringidas pelas limitações da nossa imaginação.

Minha experiência não indica que posso sonhar, pensar, criar meu melhor quando estou cansada, sobrecarregada e estressada. Há muitos anos, decidi que, se quisesse conhecer as condições e circunstâncias que levaram homens à grandeza, deveria estudar a vida deles e compará-la com a vida das mulheres. Li biografias de homens de diferentes etnias, classes e nacionalidades que nossa cultura declarou pensadores criativos e artistas grandiosos ou importantes. Descobri que as pessoas envolvidas na vida deles (pais, amigos, amantes etc.) não só aceitavam, como também esperavam que precisassem de espaço e tempo reservado para que o trabalho diário florescesse, para que se empenhassem em uma necessária renovação de espírito. Na maior parte, suas biografias e autobiografias revelam que esses homens não precisavam passar uma quantidade significativa de horas justificando sua necessidade de contemplação, de tempo solitário, de devanear na quietude e trabalhar sem perturbação. Adrienne Rich (1929-2012) comenta a necessidade desse tempo em seu livro *What is Found There: Notebooks on Poetry and Politics*, enfatizando que muitas vezes ele é “aproveitado com culpa”. Ela continua: “A maior parte dos nomes que conhecemos na poesia da América do Norte, se não todos, são de pessoas que tiveram algum acesso a liberdade de tempo — privilégio de alguns que é uma necessidade de todos. A luta para limitar a jornada de trabalho é uma luta sagrada pela liberdade de tempo para o trabalhador... No entanto, cada geração trabalhista precisa reivindicar esse tempo livre, e muitas são brutalmente frustradas em seu esforço. O capitalismo está baseado na abreviação dessa liberdade”. A maior parte das artistas mulheres, incluindo eu mesma, também são trabalhadoras assalariadas em áreas que não estão diretamente relacionadas

à sua arte. Ainda sonho com o dia em que poderei parar de lecionar para dedicar meu tempo à escrita e à arte. A maior parte das artistas mulheres ainda luta para encontrar tempo. Ainda que o movimento feminista tenha levado à abertura de oportunidades de classe que permitiram que mulheres bem-sucedidas reivindicassem esse tempo individualmente, elas ainda são raras. Esses indivíduos solitários estavam e muitas vezes estão bem situados em termos de classe, raça, criação, educação ou meio social, por isso recebem os benefícios dessas oportunidades.

Fui criada no sul [dos Estados Unidos], em uma família grande, patriarcal e negra de classe trabalhadora, com muitas irmãs e um irmão. Minha experiência emergindo desse contexto como uma artista/criadora potencialmente talentosa sempre serviu como base para minha consideração consistente do impacto de classe, raça e gênero na criatividade e na produção artística femininas. A maior parte das mulheres que encontro (com exceção de algumas poucas privilegiadas) sente que ainda estamos lutando contra as probabilidades para transformar tanto esta cultura quanto nossa vida cotidiana de modo que nossa criatividade possa ser cultivada de maneira sustentável. Respeito pela intensidade dessa luta deve nos levar a continuar a criar um contexto público para a discussão, o debate, a teorização e a institucionalização de estratégias e práticas que continuam a investigar criticamente a criatividade feminina e a produção artística de um ponto de vista feminista. Com frequência mulheres, particularmente as não brancas, me perguntam como encontro tempo para escrever tanto. Encontro tempo sacrificando outros envolvimento e compromissos. Morar sozinha e não ter filhos torna tal sacrifício possível. Como muitas mulheres que já se dedicaram apaixonadamente à prática artística, noto que a devoção muitas vezes é vista pelos outros como “suspeita”, como se o fato de escrever tanto significasse que sou um ser monstruoso, que esconde alguma insatisfação terrível com a vida, com o contato humano. O machismo gera essa resposta quando se trata de mulheres que se dedicam apaixonadamente ao trabalho. Todos nos impressionamos com homens que devotam sua vida à prática artística. Recordo o maravilhamento com que elegi o poeta alemão Rilke (1875-1926), um dos meus mentores e guias artísticos e espirituais. Sua escrita confessional fazia a solidão parecer um ritual necessário para a autorrealização artística. Quando lia textos a seu respeito — críticas literárias, biografias, comentários de outros escritores inspirados por seu trabalho — ninguém parecia achar sua devoção suspeita. Ela era vista como um sinal de sua genialidade, essencial para o cultivo do brilhantismo. Sua devoção à prática artística nunca era considerada suspeita ou monstruosa, apenas essencial para seu crescimento e desenvolvimento.

Tendo crescido como uma mulher negra da classe trabalhadora sem o direcionamento de muitos adultos bem-intencionados, escolhi meus mentores entre aqueles cujo trabalho tocava meu espírito. Inconsciente, em minha inocência, da política de gênero no mundo da cultura, senti que podia ser tão fiel aos exemplos estabelecidos para mim por escritores/artistas homens e brancos quanto aos de

Emily Dickinson, Lorraine Hansberry (1930-1965) ou James Baldwin (1924-1987). Meu único companheiro durável, a quem deixei anos atrás, continua a escrever e publicar poesia. Professor de literatura, ele trouxe para minha vida a consciência da importância da disciplina e da devoção. Somos ambos poetas e compartilhamos uma fascinação pelo trabalho dos poetas brancos e homens da Black Mountain School. Debruçávamo-nos sobre os escritos de Charles Olson (1910-1970), William Carlos Williams (1883-1963) e Robert Duncan (1919-1988). Por causa de sua pesquisa, ele desenvolveu uma amizade com Robert Duncan. Brancos, homens e gays, Robert e seu amante, Jess [Collins (1923-2004)], representavam para mim o relacionamento ideal. Eles colocaram a arte no centro de sua vida e estruturaram um relacionamento satisfatório para ambos em torno dela. Aprendi através do exemplo deles. Ambos se davam “tempo” para criar e eram apoiados por patronos e admiradores. Jess, que seguiu trabalhando sozinho em seu estúdio, foi meu principal mentor. Ele com frequência se fechava para as interferências externas, encerrando-se no mundo da arte. Ver Jess me deu um exemplo corajoso e construtivo. Nunca parecia se importar com o que os outros achavam dele ou de seu trabalho. Diferente de Robert, que às vezes zombava da minha devoção à prática artística de maneira tipicamente machista, Jess sempre me garantia que eu poderia estabelecer para mim mesma um mundo em que pudesse criar.

[img. 20]

Dada a política de raça, gênero e classe, não é surpresa que tantos modelos de disciplina artística aos quais recorri para guiar meu trabalho fossem brancos e homens. Eu sabia que precisava de orientação por causa da dificuldade que enfrentava para construir uma identidade confiante como artista. A princípio, me peguei lutando com uma inabilidade para visualizar meus projetos por inteiro. Costumava abandonar o trabalho antes que estivesse pronto, nunca concluía realmente aquilo que começava. Disciplina era uma questão importante. Eu precisava encontrar uma maneira de superar as barreiras que me levavam a abandonar o trabalho, precisava aprender a terminá-lo. Procurei me disciplinar seguindo o exemplo dos mentores que escolhi. Muito antes que Frida Kahlo (1907-1954) se tornasse o ícone *pop* que é hoje, fiquei fascinada por seu relacionamento com a pintura — pela maneira como ela continuou a trabalhar mesmo sentindo grande dor física. Tal qual ocorre com artistas contemporâneos, como o pintor afro-americano de origem caribenha Jean-Michel Basquiat (1960-1988), a arte de Frida corre o risco de ser inundada pela obsessão canibal e voyeurística por sua vida pessoal, com os detalhes de seus casos amorosos e seu abuso de álcool e drogas. Embora eu também seja atraída pela paixão hedonista que coloria seu relacionamento com a vida cotidiana, continuo fascinada por seu relacionamento com o trabalho, pela jovem que, depois de passar por uma cirurgia intensa, podia declarar com orgulho: “Não morri e tenho algo pelo qual viver: a pintura”. Talvez chegue o dia em que falarão do estilo de vida hedonista de Frida como mero cenário construído, uma máscara ou *persona* que ela criou para esconder a intensidade de uma mulher guiada pelo amor à arte. Intuitivamente, e depois politicamente,

ela deve ter compreendido quão monstruosa e ameaçadora pareceria às culturas machistas por toda parte se tivesse deixado mais evidente que a arte sempre fora a obsessão que a guiava, seu desejo primordial, sua busca primal.

Com o exemplo de Frida, vi a necessidade de um trabalho sustentável. Tendo aprendido com artistas com diferentes experiências e *backgrounds* culturais, estava determinada a criar um mundo para mim mesma em que minha criatividade fosse respeitada e sustentada. É um mundo que ainda está em processo de produção. No entanto, a cada ano da minha vida me vejo com mais tempo sem ser perturbada ou interrompida. Quando decidi aceitar um salário mais baixo para lecionar em meio período, foi para me dar mais tempo. De novo, a escolha exigiu sacrifício, um compromisso com uma vida mais simples. No entanto, nós, artistas mulheres, precisamos fazer essas escolhas se queremos mais tempo para contemplar, mais tempo para trabalhar. Não podemos esperar pelas circunstâncias ideais para encontrar tempo e só então fazer o trabalho que é nossa vocação; temos de criar na oposição, trabalhar contra o fluxo. Cada uma de nós deve inventar estratégias alternativas que nos permitam desviar ou ultrapassar as barreiras que se colocam em nosso caminho. Muitas vezes descubro que outras mulheres estão no grupo de pessoas que veem a devoção feminina ao trabalho como suspeita. Ainda que elas falem de uma posição de raiva ou inveja reprimida, está claro que precisamos conquistar uma conscientização feminista maior sobre a importância de mulheres ratificarem umas às outras em nossos esforços para construir espaços em que não somos interrompidas ou perturbadas e onde possamos contemplar e trabalhar com paixão e entrega.

Grupos de autoconsciência e reuniões privadas ou públicas precisam voltar a ser um aspecto central da prática feminista. As mulheres precisam de espaços onde explorar íntima e profundamente todos os aspectos da experiência feminina, incluindo nosso relacionamento com a produção artística. Ainda que a maior parte das feministas hoje esteja consciente de questões de raça, classe e práticas sexuais, de nossas diferenças, tendemos a abordar esses pontos apenas superficialmente. As mulheres ainda têm de criar o contexto, tanto política quanto socialmente, em que nossa compreensão da política da diferença não apenas transforme nossa vida individual (e ainda precisamos discutir tais transformações), mas também altere como trabalhamos com os outros em público, em instituições, galerias etc. Por exemplo: quando historiadoras da arte e críticas culturais brancas que estruturaram sua carreira focando no trabalho de mulheres e homens não brancos vão compartilhar como essa prática cultural modifica quem são no mundo de uma maneira que ultrapasse a obtenção de sucesso profissional individual? Quando vão falar e escrever sobre como seu trabalho muda a maneira como interagem com pessoas não brancas? Quando todas nós vamos relacionar questões de raça e racismo a nossas noções de excelência artística, considerando a maneira como pensamos sobre cor, como usamos imagens em diferentes trabalhos? Quantos artistas realmente politizam a diferença questionando suas escolhas? Trabalhando

sozinha em seu estúdio, a pintora afro-americana Emma Amos consegue analisar criticamente a maneira como raça, racismo e supremacia branca determinam as cores que escolhemos em pinturas, as cores que usamos para corpos humanos. Questões de classe são levantadas por livros como *Alias, Olympia*, de Eunice Lipton. Em que extensão sua classe privilegiada e nacionalidade afetam a forma como interpreta a vida e a história das mulheres brancas da classe trabalhadora? É esse tipo de discussão que deve emergir se queremos compreender a complexidade de nossas diferenças, se pretendemos criar um contexto cultural em que a solidariedade significativa entre artistas mulheres pode ser fortalecida. Quando esse fortalecimento ocorre, o mundo da arte em que trabalhamos se expande e se torna mais assertivo.

Muitas pessoas assumem que o feminismo já mudou o contexto social em que as mulheres produzem seu trabalho. Elas confundem um maior envolvimento no mercado com a formação de um espaço libertador em que as mulheres podem criar arte significativa, convincente, “grandiosa”, que venha a ser plenamente reconhecida. A “mercantilização” da diferença pode levar à falsa conclusão de que trabalhos de pessoas não brancas e mulheres brancas marginalizadas estão “na moda” no momento, sendo reconhecidos e premiados merecendo ou não isso. O impacto dessa mentalidade em nosso trabalho é que muitas vezes encoraja artistas marginalizadas a sentir que devemos fazer nosso trabalho rapidamente, agir enquanto possível, para não ser ignorados para sempre. Se escrevemos, somos encorajadas a escrever do mesmo modo daqueles que ganharam muito dinheiro ou atingiram grande sucesso. Se, por exemplo, fotografamos, somos encorajadas a continuar tirando as fotos que as pessoas mais querem ver e comprar. Essa busca por um mercado sem discernimento procura confinar, limitar e até destruir nossa liberdade e prática artística. Precisamos ter cuidado com a sedução da possibilidade superficial e rara de receber reconhecimento e consideração imediatos que possam nos render atenção de um modo que continue a nos marginalizar e separar. As mulheres devem ousar permanecer vigilantes, preservando a integridade do ser e do trabalho.

Como artistas mulheres expressando solidariedade independentemente das diferenças, devemos abrir caminho, criando espaços em que nosso trabalho possa ser visto e avaliado de acordo com padrões que reflitam nossa noção de mérito artístico. Conforme lutamos para entrar no *mainstream* do mundo da arte, precisamos nos sentir empoderadas para proteger a representação da mulher como artista de modo que nunca mais seja desvalorizada. Fundamentalmente, devemos criar o espaço para a intervenção feminista sem entregar nossa preocupação primária, que é a devoção à produção artística, intensa e recompensadora o bastante para ser o caminho que leva à nossa liberdade e à nossa realização.

bell hooks (Hopkinsville, Estados Unidos, 1952) é ativista feminista e escritora. Seus focos intelectuais são as discussões de raça e de gênero, com atenção especial para o papel da educação e das classes sociais. Sua obra mais recente é *Writing Beyond Race: Living Theory and Practice* (2013).

FONTE: “Women Artists: the Creative Process”. Originalmente publicado em *Art on My Mind*. Nova York: New Press, 1995, pp. 125-32. Traduzido do inglês por Ligia Azevedo, a partir da mesma edição.

Excerpt from *Art on My Mind: Visual Politics* — Copyright © 1995 by bell hooks. Reprinted by permission of The New Press.
www.thenewpress.com